



# A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Formosa, 242-2.º—PORTO  
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular  
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira  
Propriedade do Grupo (Aurora Social)  
EDITOR—Maclel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)  
Um mez . . . . . \$05 (50 reis)  
Semestre . . . . . \$30 (300 reis)  
Um anno . . . . . \$60 (600 reis)  
Para fora do país acresce o importe do selo.  
Numero avulso \$01 (10 reis)

## Os empregados da guerra

A questão da «nossa» intervenção armada no horrível conflito europeu, tornou a voltar a liça. E tais interpretações lhe estão a dar, que ela passou a ser, na estulta opinião dos interessados, uma questão palpitante, uma questão de actualidade, uma questão de vida ou de morte para este belo jardim à beira-mar prantado.

Assim, já fervilham por aí, e à farta, os conselhos e as sentenças, os juízos e os raciocínios qual deles o mais extravagante, mas todos muito do agrado dos banqueiros e dos fornecedores do exército, dos burgueses e dos capitalistas. Cheira-lhes a negócio rendoso, e por isso abrem desmedidamente os olhos na ânsia febril de colocarem ao canto das suas caixas fortes mais um bom punhado de moedas de ouro.

Com todo o seu cortejo de horrores, de violações e incêndios, a guerra predicada nestes últimos dias, não mete medo a essas criaturas que só da rapina vivem. Desejam-na até, ardentemente, porque vêem nela uma mina inexgotável, de onde poderão extrair lucros fabulosos, embora a custa do sangue preciosíssimo dos produtores de toda a riqueza social.

Se é que algum dia os possuíram, do seu íntimo desapareceram, neste momento, todos os sentimentos generosos e humanitários. A guerra apresenta-se favorável aos seus interesses vis e às suas ambições excessivas. Por isso toca a fazer a máxima propaganda dela.

Que importa que nesse mato doiro se sacrificem milhares e milhares de vidas tão úteis e tão necessárias à vida? tantas energias produtoras? tantas criaturas que deixarão a braços com a miséria e a fome, com a desolação e a morte os seus entes mais queridos?

Que importa que se desorganizem as finanças do país, que não haja pão nem trabalho, que se rebente de lazeira, que o povo sucumba ao péso de arbitrários impostos, se são os seus altos cálculos financeiros que assim o reclamam?...

Os empregados da guerra, que são todos os que abicham largas benesses e prebendas com ela, esfalfam-se, portanto, por a tornarem uma realidade no mais curto prazo possível. Se eles tivessem de empunhar uma espingarda e marchar para a frente da batalha, o caso mudava de figura. Não a enalteciam: depreciavam-na e apresentavam-na como uma reminiscência atávica dos tempos bárbaros que era necessário combater por todas as formas e processos.

Mas como ficam muito comodamente em casa, enchendo a pança, saboreando um puro havana e recolhendo, sem custo, os benefícios materiais dos empréstimos e dos fornecimentos, engrandecem os feitos guerreiros dos soldados heroicos, esguicham os fastos da história numa prosa lamecha e oferecem honorários e comendas áquelles que defenderem com dândo e valentia... os seus interesses e os seus dinheiros sob o manto hipócrita do engrandecimento e das alianças da pátria.

E a imprensa assoldada, essa cloaca, na feliz expressão do imortal Zola, secunda-lhes todos os movimentos, todos os trejeitos e todas as iniciativas desse género. Entrevista-os, traslada ao papel as suas grossas aspeiras e serve-as ao Zé basbaque

e palerma como a seqüência lógica, admissível, inevitável dum raciocínio maduramente feito e cuidadosamente estudado.

Que intelize tempos, os que vão correndo!

Dantes quando se falava em guerras, a mesma imprensa, hoje vozeira duma tremenda hecatombe, estampava em tipos normandos as suas carnificinas, os seus latrocínios, os seus incêndios, as suas devastações. Imprimindo no cérebro das multidões uma aversão consentânea a esse terrível flagelo, citava, em seu abôno, a opinião dos mais eminentes sociólogos e dos mais distintos escritores. Agora é que se pode avaliar a sinceridade com que ela procedia. A guerra era com os outros, com os de fóra. Os financeiros de cá não conseguiam quase nenhuns lucros. Mas nesta ocasião, como a coisa promete largos proventos, desempoeiram-se as ideias guardadas no fundo das secretarias, dá-se-lhes um verniz muito brilhante e põem-se ante os olhos dos ignorantes, a vêr se pegam.

Faz-se então a roda delas um barulho de mil diabos. *Agua mole em pedra dura tanto bate até que fura*, diz o adágio. E os gajos, empenhados como estão em aferrolhar a maquia, arrancando, se puderem, a última gota de sangue aos trabalhadores, seguem a zisca o espirito do proloquo.

Operários! Reparai atentamente no que vos digo. A guerra tem por fim a defeza dos interesses dos capitalistase e dos financeiros. Se dais ouvidos aos empregados dela, só vós e vossas famílias é que sereis sacrificados. Depois de arriscardes a vossa vida sem proveito algum para a vossa emancipação, tereis de trabalhar como bestas de carga para pagardes todos os encargos que essa luta cruenta ha-de originar.

Os capitalistas e os financeiros, os burgueses e os fornecedores do exército querem a guerra? Que vão para lá, que nós não lhes impedimos o caminho. Mas que queiram arrastar-nos a ela para satisfação dos seus apetites isso é que não pode admitir-se.

Contra esse critério, como contra os empregados, todos nós, os que produzimos, devemos protestar energicamente, até obtermos um triunfo completo.

E como somos o maior número...

ALFREDO GUERRA

## Notas Rubras

### Abstenção eleitoral

Alguns jornais das várias facções políticas tem salientado e discutido o importante número de votantes que, por toda a parte, se absteve de ir á urna nas eleições do último domingo.

Decerto que a maior parte dos eleitores que não fizeram uso do seu «direito de voto» não procederam desse modo por motivo de serem conscientes. Mas o que é necessário frisar-se é que a enorme abstenção que por esse país se observou é um sintoma eloquente de que o povo se vai compenetrando de que o parlamento é uma leria para entreter os papalvos que julgam, iludidamente, que a sua emancipação lhes virá por meio de «leis sociais».

Torna-se indispensavel que os verdadeiros revolucionários aproveitem a descrença do povo

nos elixires políticos afim de se-mearem as puras doutrinas libertadoras.

Viu-se nas passadas eleições, repito, que uma consideravel quantidade de eleitores não quiz saber das urnas para nada, a despeito da galopinagem desenfreada de diversos caciques vermelhos.

Pois é necessário, outra vez o proclamo, não deixar perder a ocasião da classe produtora se encontrar desiludida da engrenagem politíqueira.

É preciso demonstrar-lhe que o parlamento e quejandas instituições politicas não passam de «contos do vigário» para burlar o povo trabalhador.

A sua integral emancipação depende, apenas, do seu esforço enérgico e forte...

C. RODRIGUES.

## Razão bifronte

*El Porvenir del Obrero* entende que a composição do império russo, formado de tantas raças distintas, é um germe constante de revoluções, que anularão o perigo imperialista.

Também se tem visto até agora, nessa diversidade de raças, o grande mal das lutas entre elas, desviando-as do esforço pela emancipação social.

Também até hoje se obriguou, nessa heterogeneidade, um poderoso instrumento de dominação do isarismo, o qual lança as raças umas contra as outras e cria as regiões mais atrasadas imensos reservatórios de forças repressivas.

Não viemos o bico ao prego...

## O anarquismo nos sindicatos

O camarada Eduardo G. Gilmon publica, em *La Protesta* de Buenos Aires, um artigo subordinado aos títulos *O erro de todos—De Bakunine a Neno Vasco*, para demonstrar que é um grande erro a ideia dos que expulsam do sindicato todos os ideais e todas as propagandas, querendo que ele observe uma neutralidade absoluta e passiva.

Ora o nosso companheiro de redacção Neno Vasco nunca pensou ou defendeu semelhante coisa; e cremos que, como elle, nenhum anarquista. Elle acha até que, sem a propaganda e a acção dos anarquistas nos sindicatos, estes bem pouco poderiam fazer no sentido social-revolucionário e que o automatismo revolucionário do sindicato é um fatalismo ilusório e perigoso. Parece-lhe, pois, necessário e coerente que os anarquistas façam a mais ardente propaganda nos sindicatos e procurem fazer dos associados verdadeiros anarquistas. Mas que o sejam de facto, e não apenas pelas resoluções dos delegados aos congressos e nos considerandos dos estatutos.

O que elle não cre é que os associados conduzidos pelos militantes anarquistas, nas organizações operárias que se declaram oficialmente anarquistas, se diferencem muito em ideias dos que são conduzidos pelos sindicalistas ou socialistas. Nisso vê elle ficção e autoritarismo, inúteis e perigosos. E pede a união de todos os operários—ou ao menos dos que estão dispostos a lutar contra o patrão—no terreno da luta de classes, e a liberdade para todos, dentro do sindicato, de iniciativa e propaganda.

E' o que, na companhia e depois de tantos outros, o nosso camarada tem procurado explicar nos seus escritos; foi o que elle expôs na tese apresentada á Conferência Anarquista da Região do Sul, de próxima publicação.

## Os intrusos na organização operária

Não raro se lê em um ou outro jornal que na organização operária pululam vários individuos classificados como intrusos pelo facto de, embora sendo operários manuaes, preconisarem a tática e acção revolucionária ou ainda por defenderem a concepção anarquista e o método de acção correspondente á mesma concepção idealística.

Tais jornais, socialistas de nome, distribuindo gratuitamente aquele insulto aos verdadeiros revolucionários, fazem-no porque consideram—e não sem razão...—a acção deles prejudicial aos seus fins politico-parlamentares; sentem que a classe operária os vai abandonando á maneira que vai adquirindo mais consciencia da sua verdadeira situação de escrava—vítima, simultaneamente, da falsa moral burguesa, da sua opressão e exploração, e ainda dos partidos parlamentares que a trazem jungida ao carro da politica, fazendo-a esquecer os seus interesses de classe escravizada, para se lançar numa luta da qual sempre sai esfolada.

Não pretendemos fazer o confronto, agora, não só dos ideais comunista anarquista e socialista colectivista, mas muito principalmente da acção e métodos dos partidários de qualquer daquelas duas concepções sociais. Não é esse o nosso objectivo. Queremos não só apontar para a imprensa socialista parlamentar classifica de intrusos os elementos revolucionários que militam na organização operária, o faz porque, tanto as ideias como o método designado por «acção directa» que eles preconisam, são um obstáculo para eles, que, como políticos, lhes não convem.

A imprensa e os elementos filiados no partido socialista ao classificarem de intrusos os elementos revolucionários, não o fazem porque vejam nas suas ideias e métodos de acção o prejuizo para a classe operária que usam apregoar para justificar o insulto:—o prejuizo, se existe, é apenas para o partido.

Ora nenhum partido, nem mesmo o socialista, representa, de facto, a classe operária. E como a poderia representar se para ingressar no seu seio, basta cada individuo conformar-se com o seu programa? Sendo assim, como é, não importa que esse individuo não seja operario. Confrontando-se com o programa do partido, embora não o compreenda; e desde que declare que com ele se conforma, pode ingressar no partido socialista o operario e o patrão, o medico, engenheiro ou advogado, o militar profissional e até mesmo o padre, personalidades que, sendo espertas e ladinas, dar-lhe-hão até muita honra.

Nestas condições, repetimos, este ou qualquer outro partido politico não pode representar a classe operária. Os seus componentes tem interesses opostos entre si e só os une o fim, a aspiração exclusivamente politica e até governamental.

Outros são, evidentemente os fins a que aspira a classe operária, a qual, na sua qualidade de assalariada, vítima das prepotencias capitalisticas e dos processos astuciosos dos politicos e das violencias dos governantes, é levada a combater indistintamente todos aquelles males, venham de quem vierem.

A imprensa e elementos socialistas, porem, pretendem assentar a sua força na classe operária, na sua ignorância. Fazem-

lhe antever direitos, mas querem que a classe operária delegue no partido o encargo de os arrancar á sociedade burguesa, falseando assim a maxima da velha Internacional: «a emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos mesmos trabalhadores».

Os militantes revolucionários em face daquela confusão proposta, procuram esclarecer o espirito dos seus irmãos de trabalho para que se integrem na doutrina que aquela maxima encerra e é então que lhes é lançado o insultuoso epíteto de intrusos.

Mas quais são, nesse caso, os verdadeiros, os autênticos intrusos? Serão aqueles que, porque desejam trepar para sobre o costado dos operarios, muitas vezes seus companheiros, prometendo-lhes a emancipação, lhes pedem votos—ou os que, pelo contrário, não só combatem esse processo indigno, como convidam os seus companheiros a unirem os seus esforços para, eles próprios, conquistarem a sua emancipação? Ora, pois.

De uma infinidade de factos, passados neste e noutros paizes, poderíamos demonstrar que os verdadeiros intrusos não são, positivamente, os sindicalistas revolucionários e os anarquistas, aqueles que trabalham e se sacrificam mas não para colher o seu fruto. Toda a sua acção consiste em procurar integrar os seus irmãos de trabalho na verdadeira luta de classe para que eles próprios se libertem, reunidos e conjugados os seus esforços por meio da associação, tanto quanto possível livre de peias; para que autónoma e conscientemente lutem com desassombro e energia contra os seus opressores, estataes e capitalistas. Querem, e nesse sentido trabalham, que a classe operária, sem menosprezar as regalias de pormenor se vá preparando para a conquista da terra e dos instrumentos de trabalho, operando ella propria a transformação social, de baixo para cima e não confiando que outros operem a mesma transformação de cima para baixo... lá para as calendas gregas.

Intrusos são, pois, aqueles que procuram insinuar-se no espirito da classe operária, para a desviar da sua trajetória emancipadora; são aqueles que jesuiticamente, se imiscuem na organização operária para dela se servirem para os seus fins politicos reservados.

Poder-se-ha apresentar o prototipo do intruso na organização operária mais perfeito do que aquele Mario Nogueira, organizador principal do Congresso de Tomar, representante na U. O. N. dos inscrites maritimos onde era secretário, inculcando-se empregado de escritório o mesmo fazendo na U. S. O. e agora, como deputado, apresentando-se como estudante?

Naquele andar, se assim viesse aos interesses do partido socialista, inculcar-se-ia medico, engenheiro ou apanha lor de lixo.

... Por que, pelo visto, Mario Nogueira nao tem profissão certa. Pois como se compreende que para entrar no seio da organização operária seja empregado de escritório e para se apresentar como deputado o faça como estudante?

Está visto: exerce tantas profissões quantas as conveniencias politicas ou pessoais...

Pois que a classe trabalhadora abra os olhos para vêr quais são os intrusos.